Cantos Sagrados

Manuel de Arriaga



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Cantos Sagrados

Manuel de Arriaga

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

MANOEL D'ARRIAGA

CANTOS

SAGRADOS

LISBOA

MANOEL GOMES, Editor

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

70--RUA GARRETT (CHIADO)--72

1899

DEDICATORIA

Ás almas piedosas e cultas em cuja convivencia encontrei conforto, fortalesa e fé na bondade e na virtude,

_e_

Ás proximas gerações futuras, a quem compete a integração do destino humano segundo o novo Ideal de Justiça

offerece e consagra estes CANTOS

O SEU AUCTOR.

AO PUBLICO

A exemplo do lavrador que nas tardes melancolicas do outomno, antes que chegue o inverno, recolhe os fructos das suas pequenas herdades, nós, n'este periodo calmoso da existencia em que entrámos, e primeiro que a morte nos venha trazer, com a paz da sepultura, a melhor compensação dos nossos longos soffrimentos, deliberámos recolher e seleccionar as poesias que escrevemos no longo periodo de trinta e dois annos, que decorre desde 1867 até hoje e que, com rarissimas excepções, devidas quasi sempre a inconfidencias e curiosidades d'amigos, são todas ainda hoje ineditas.

Reunimol-as em quatro volumes, o primeiro dos quaes, o dos _Cantos_, é o que damos hoje á publicidade.

O segundo com o nome de _Irradiações_, é dividido em quatro livros--_Devaneios_--_Imagens d'um mundo extincto_--_Nas Alturas_--_No Lar_.

O terceiro contém poesias dispersas, ensaios e fragmentos.

O quarto, um poema heroico glorificando os triumphos da Humanidade no concerto do Universo, e onde, sob uma fórma dramatica, reatámos as tradições gloriosas de Portugal no periodo de Renascença á futura solução do problema humano, sob um novo ideal de justiça.

Foi este poema, a que démos o titulo de _Synthese Suprema_, escripto nos tres ultimos annos que se seguiram ao nosso affastamento da politica militante, quando abandonámos de todo o parlamento, onde a nossa voz ficou por completo isolada e perdida...

Compozémol-o ante a ameaça constante da morte que as nossas doenças, então aggravadas, nos punham todos os dias diante dos olhos, sem esperanças de o levarmos ao seu termo; e foi feito a pedaços nas poucas horas d'ocio que nos restavam dos nossos deveres profissionaes.

A poesia aos nossos olhos nunca foi um mero recreio de espirito.

Como todas as bellas artes, tende a exercer uma funcção social, hoje tanto mais necessaria quanto é frouxa, ou quasi nulla, a que a Religião, e a moral d'ella nascida, exerceram outr'ora nas multidões incultas, que á falta d'um ideal filho dos tempos, que as ajude na solução do seus tenebrosos e multiplos problemas: ou se tornam indifferentes ou scepticas e vivem como espiritos revoltados contra todo o existente!...

A muitos parecerá contradictorio que, tendo nós combatido em toda a nossa vida, ha mais d'um quarto seculo, o obscurantismo, os absusos e os crimes commettidos á sombra das religiões positivas, sobre tudo da religião dogmatica, nos aventuremos, sobre as ruinas do velho mundo e á entrada dum novo cyclo historico, a soltar cantos d'uma tão ardente fé religiosa!...

A resposta encontral'a-ha o leitor na nota elucidativa á poesia _O que eu vi_, que adiante publicamos, e nas immediatas.

Se errámos ou não, os factos é que o hão-de decidir d'aqui mais a

algum tempo.

Só aqui diremos que para se unirem pelo Amor e pela Justiça as duas metades da humanidade, de que depende a integração do destino humano, o homem e a mulher, que as crenças religiosas e as demonstrações scientificas trazem tão profundamente divorciados na vida do lar e no foro interno; para levarmos ao povo a communhão do novo credo e levantarmos-lhe o coração e a alma muito acima das meras questões de interesses materiaes em que o trazem envolvido: é preciso procurar um ideal fóra das contingencias humanas, preparar com elle as almas para os actos fundamentaes d'abnegação e d'altruismo que reclama o problema social, o que só se pode alcançar á sombra de religiosidade que está no fundo da nossa natureza, mudando apenas de objectivo e de processo.

Qualquer que seja porém, a opinião em contrario de nossos competidores, e que acatamos, é d'esperar que attendam a que, n'uma obra d'arte, não se deve perder de vista a sinceridade do seu auctor, o fim que se propõe servir e o meio que emprega para o alcançar.

Sob este triplice ponto de vista, em que sempre nos mantivemos, talvez possamos contar com a benevolencia dos nossos contrarios.

Ainda uma palavra sobre as razões porque só agora, no fim da nossa carreira, nos aventuramos a publicar estes trabalhos.

Dentre muitos outros, o motivo predominante encontral-o-ha o leitor no respeito quasi religioso que sempre tivemos pela publicidade, por este momento sagrado em que entregamos aos outros as nossas ideias, as nossas opiniões, os nossos sentimentos!

Accaso terão direito a sel-o?! Irá n'elles alguma cousa que seja menos

verdadeira, menos justa, menos bella?!

E, quando tal se dê, o que pensarão de nós os que vierem a julgar-nos?!...

Transmittindo a estranhos, sob as fórmas divinas da arte, o que havia de melhor no nosso mundo interior, e que merecera a sancção da nossa consciencia, não iremos susceptibilisar ou offender, apesar d'isso, o que os outros teem de mais sagrado no coração e amam mais de que tudo?!

Não seremos nós uns illudidos que vamos com a nossa illusão concorrer para os enganos dos outros?!

Todas estas perguntas accudiam ao nosso espirito quando nos incitavam a imprimir estes _Cantos_ e esperámos sempre que um mais maduro exame os auctorisasse a sahir do recatado asylo da nossa consciencia, a ir correr mundo e a suscitar por ventura a animadversão ou a sympathia dos leitores!...

Que o publico encontre n'elles a grata companhia que nos fizeram tão largos annos, é o melhor premio, se algum elles merecem, a que pode aspirar o auctor d'estas linhas.

Lisboa, 15 de março de 1899.

MANOEL D'ARRIAGA.

LIVRO PRIMEIRO

DEUS E A ALMA

I

O QUE EU VI

Sahi um dia a contemplar o mundo,
Por vêr quanto ha de bello e quanto brilha
Na multipla e gloriosa maravilha,
Que anda suspensa em o azul profundo!

Vi montes, vales, arvores e flôres,
Limpidas aguas, múrmuras torrentes,
Do grande mar as musicas plangentes,
Dos céus sem fim os trémulos fulgôres!

Trouxe os olhos tão ricos de belleza,
O coração tão cheio de harmonia,
De quanto havia em terra, mar e céos,

Que interpretando a sós a Natureza:
Dentro de mim esplendido fulgia,
N'um circulo de luz, teu nome, oh Deus!

II

MUNDO INTERIOR

Materia ou Força, Lei ou Divindade
Quem quer que seja que dirige o mundo,
Esparze em tudo o espirito fecundo

Do Summo Bem--Belleza, Amôr, Verdade.

Á luz d'esta Santissima Trindade,
Cercado d'esplendor, clamo e jucundo,
Sorri-me em volta o universo; ao fundo,
Por synthese Suprema, a Humanidade!

Dos homens rujam temporaes medonhos...
Que em mim, no meu labôr, do Bem sedento,
Meus dias correm limpidos, risonhos!

Estrellas que brilhaes no firmamento!
É menos bella a vossa luz que os sonhos
Que gera na minha alma o Pensamento!

III

TRISTEZA

Como isto cá por fóra é tudo alegre!
Quão bello o sol! que esplendida harmonia
A terra, o mar e os céos!
Porem dentro de mim que mundo á parte!
Que embate de paixões! Que noite funebre!
Que magoas, Santo Deus!

Ai! se as manchas que o sol no rosto esconde
Tem sobre o mundo alguem onde projectem
A triste escuridão,
Minha alma é como o espelho onde ellas caem,

Tão profunda é a mágoa que me lavra
Aqui no coração!

E eu via ha pouco o azul d'um céo sem macula!
E o sol d'esta alma fulgurante e limpido
Banha-me todo em luz!
Porém, franqueza humana! eu proprio o obrigo
A alumiar-me com a luz da frouxa lampada
D'um templo de Jesus!...

Senhor! Senhor! que um teu olhar me alegre!
Que lave o pavimento de meu peito
De muita ideia vã,
Que o mal é como a noite, e o sol apaga-a
E transforma-a na prata, ouro e purpura
Das nuvens da manhã!

Oh! tu tristeza, irmã dos desgraçados,
Que lanças no meu peito os ais plangentes
D'esses gemidos teus!
Desprende da minha alma as azas negras,
E deixa entrar alegre a luz do dia,
A luz vinda dos céos!

E vós, filhos do sol, tribus innumeras
Da familia de Deus, plantas e flôres
Insectos e animaes,
Que engolfados nos gozos do Universo,
N'esse concerto immenso de harmonias,
Nos céos a Deus louvaes:

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com